

O Espírito de Profecia: O Tempo de Demora e o Clamor da Meia-Noite

As Duas Tábuas de Habacuque

Jeff Pippenger

2012-10-14

Uma Palavra de Esclarecimento

Recentemente começamos a preparar a transcrição de *As Duas Tábuas de Habacuque* para ser traduzida para os vários idiomas representados em nosso website. A tarefa de transformar uma apresentação falada em uma apresentação escrita é muito mais trabalhosa do que poderia ser compreendido por quem não está familiarizado com todos os obstáculos que precisam ser superados para converter uma apresentação falada em uma apresentação escrita, juntamente com as dificuldades inerentes à tradução final do material para os vários idiomas do website. Acabamos de iniciar nossa revisão editorial da primeira das noventa e cinco apresentações, e descobri mais um obstáculo que também precisamos superar. Isso tem a ver com o desenvolvimento progressivo desta mensagem desde 1989 até nossa história atual.

Nas apresentações de cerca de quinze anos atrás havia verdades que se encontravam em seu estado infantil de compreensão. A primeira dessas verdades que devo esclarecer é a chegada do segundo anjo na história milerita. Naquele tempo, eu compreendia que o segundo anjo chegou quando as igrejas protestantes começaram a fechar suas portas contra a apresentação, por Miller, da mensagem do primeiro anjo, em conjunto com o término do ano de 1843. William Miller trabalhava com uma contagem de tempo que, segundo cria, identificava que os anos de 1843 começaram em 22 de março de 1843 e terminaram em 22 de março de 1844. Ele havia pensado que as três profecias que, por fim, foram colocadas nos dois quadros sagrados terminariam no ano de 1843, e acreditava que esse ano terminava em 22 de março de 1844. Ele estava errado em dois pontos.

As três profecias dos 1335 dias de Daniel doze, dos 2520 anos dos “sete tempos” de Levítico vinte e seis e dos 2300 dias de Daniel oito foram entendidas por Miller como concluídas em março de 1844. O Senhor, daí em diante, guiou Samuel Snow não somente a compreender que as profecias terminavam não em 1843, mas em 1844; mas Snow também começou a aplicar o cômputo caraíta do tempo, que não era a aplicação cronológica que Miller vinha empregando. Miller vinha usando o cômputo rabínico/baseado no equinócio, que fazia o ano ir de primavera a primavera.

Quando estávamos apresentando as *Dois Tábuas de Habacuque*, não havíamos compreendido esta realidade histórica e estávamos usando a experiência de Miller para assinalar 22 de março de 1844 como a chegada do segundo [anjo] e o início do tempo de tardança. Eu compreendia — e ainda compreendo — que a chegada daquele anjo correspondia ao momento em que os protestantes rejeitaram a mensagem de Miller acerca do primeiro anjo, e a passagem seguinte era meu ponto de referência.

“Em junho de 1842, o Sr. Miller apresentou sua segunda série de palestras na igreja da Rua Casco, em Portland. Eu considerava um grande privilégio poder assistir a essas palestras; pois havia caído em desânimo e não me sentia preparada para encontrar meu Salvador. Essa segunda série produziu muito maior agitação na cidade do que a primeira. Com poucas exceções, as diferentes denominações fecharam as portas de suas igrejas ao Sr. Miller. Muitos sermões, proferidos dos vários púlpitos, procuravam expor os supostos erros fanáticos do palestrante; mas multidões de ouvintes ansiosos assistiam às suas reuniões, e muitos não conseguiam entrar no recinto. As congregações estavam extraordinariamente quietas e atentas.” *Life Sketches*, 27.

Compreendi que o fechamento das portas para a mensagem de Miller marcou o início da rejeição do primeiro anjo e, em concordância com o entendimento de Miller acerca do cômputo rabinico/do equinócio do tempo, presumi que 22 de março de 1844 assinalava a conclusão de 1843. A apresentação de Miller em Portland, em junho de 1842, é, na verdade, um marco que identifica uma rejeição progressiva que finalmente se concluiu em 18 de abril de 1844; mas, à época das apresentações, não havíamos reconhecido a aplicação, por Samuel Snow, do cômputo karaíta do tempo.

Na primeira apresentação que começamos a revisar editorialmente, comecei a perceber que o que foi registrado naquela ocasião parece contradizer o que agora ensinamos. Contradiz e não contradiz. Trata-se simplesmente de uma ênfase na chegada progressiva do segundo anjo, e também de uma ilustração do progressivo deslucramento desta mensagem, como também ocorreu na história milerita. Esta nota de esclarecimento deve responder àqueles que tropeçaram em nossa identificação de 19 de abril de 1844 como o primeiro desapontamento milerita e no que foi ensinado no passado.

“A primeira e a segunda mensagens foram dadas em 1843 e 1844, e estamos agora sob a proclamação da terceira; mas as três mensagens ainda devem ser proclamadas. É tão essencial agora como sempre foi que elas sejam repetidas àqueles que estão buscando a verdade. Pela pena e pela voz, devemos fazer soar a proclamação, mostrando a sua ordem e a aplicação das profecias que nos conduzem à mensagem do terceiro anjo. Não pode haver uma terceira sem a primeira e a segunda. Essas mensagens devemos dar ao mundo por meio de publicações e de discursos, mostrando, na linha da história profética, as coisas que foram e as coisas que serão.” *Mensagens Escolhidas*, livro 2, p. 104.

As Duas Tábuas de Habacuque 2 de 95

Compreendendo o Calendário Milerita e o Tempo de Demora

Em nossa última apresentação, surgiu a questão de como 22 de outubro de 1844 pode ser o décimo dia do sétimo mês, se 22 de março de 1844 é o primeiro dia do primeiro mês. Os mileritas, em março de 1844, compreenderam de forma equivocada aquilo que criam ser o fim de 1843. Após esse desapontamento, reexaminaram o cômputo bíblico do tempo. Isso é explicado no livro de Gerhard Damsteegt, *Foundations of the Seventh-day Adventist Message and Mission*, particularmente nas páginas 89 e 92. Quando creram que 1843 havia terminado, reavaliaram dois

componentes de sua compreensão do tempo: a passagem de 1843 para 1844, e os dias que marcam o início e o término dos anos, para que pudessem calcular o décimo dia do sétimo mês.

Frequentemente enfatizo que de 22 de março a 22 de outubro há sete meses. Não estou sugerindo que este seja o Movimento do Sétimo Mês, mas é interessante que os mileritas acreditassem que 22 de março era significativo, e isso serve como um útil marco mental — sete meses depois leva você a 22 de outubro. Isto é factual.

O desapontamento e o tempo de tardança não foram cumprimentos de uma profecia de tempo, mas antes o resultado de um equívoco por parte dos mileritas. Seu equívoco cumpriu o tempo de tardança e o desapontamento; não havia nenhuma profecia específica declarando que o tempo de tardança começaria em determinado ponto. Sua crença de que 1843 havia terminado em 22 de março de 1844 produziu o desapontamento.

Damsteegt diz:

Embora o cômputo caraíta, que indicava o fim do ano judaico na lua nova de 17 de abril de 1844, fosse favorecido nos principais periódicos mileritas, a maioria dos crentes considerava 21 de março de 1844 como o tempo do retorno de Cristo. Fora do movimento milerita, 21 de março era amplamente conhecido, e havia uma expectativa muito generalizada de uma completa derrocada de todo o sistema do adventismo naquela data.

Lemos ontem que Miller estava esperando aquela data. A maioria dos mileritas estava aguardando aquela data, e até mesmo seus opositores a conheciam e a observavam como prova de que os mileritas eram falsos. Esse era o entendimento padrão. Depois que ela passou, começaram a investigar mais de perto as profecias de tempo, o que os conduziu a 22 de outubro de 1844. Isso fornece um ponto de referência para a questão que surgiu ontem.

O Tempo de Espera e a Primeira Visão de Ellen White

Hoje, quero dedicar mais tempo ao exame do tempo de demora. Isto é importante porque estamos tratando da primeira visão de Ellen White, na qual ela diz que a luz brilhante no início do caminho para o Céu era o Clamor da Meia-Noite, e que, se essa luz for negada, cai-se do caminho para o Céu. Estou procurando demonstrar que o Clamor da Meia-Noite, em sua visão, inclui toda a história da Mensagem do Segundo Anjo.

Pessoalmente, não tenho dificuldade em afirmar que o Clamor da Meia-Noite naquela visão, que está no início da senda e derrama luz ao longo de todo o caminho, representa a história dos mileritas de 1840 a 1844. A dinâmica dessa história deve ser corretamente compreendida. O cumprimento do próprio Clamor da Meia-Noite deu-se de 12 a 17 de agosto, quando a mensagem foi apresentada na Reunião Campal de Exeter; e então eles levaram a mensagem por cerca de dois meses — setembro e outubro, dois meses e cinco dias. Antes de 22 de outubro, estavam preparando-se para a volta do Senhor. Esse período de dois meses é a história do Clamor da Meia-Noite. Contudo, não se pode compreender esse período sem compreender os passos que conduziram a ele. Para mim, o Clamor da Meia-Noite é, mais especificamente, a história do tempo de tardança, prosseguindo até 22 de outubro de 1844.

Localizando as Mensagens dos Três Anjos

Eis a história de 1840 a 1844. Há várias passagens no Espírito de Profecia em que a Irmã White nos diz que precisamos saber onde localizar as mensagens. Quando você começa a localizar as mensagens, percebe que todas as mensagens chegam em determinado ponto no tempo e, daí em diante, são revestidas de poder.

O Primeiro Anjo chega em 1798, no Tempo do Fim, quando o Livro de Daniel é deselado e há um aumento do conhecimento. A Mensagem do Primeiro Anjo é revestida de poder em 11 de agosto de 1840, quando o princípio dia-ano é confirmado para o mundo inteiro, fazendo descer o Anjo de Apocalipse 10, o qual simboliza o revestimento de poder da Mensagem do Primeiro Anjo.

O Segundo Anjo chega em junho de 1842. Lemos ontem que, em junho de 1842, o Sr. Miller apresentou sua segunda série de preleções na igreja da Rua Casco. Com poucas exceções, as igrejas protestantes fecharam suas portas. Assim, em junho de 1842, a Mensagem do Segundo Anjo chega, porque, quando uma igreja protestante fecha sua porta contra a Mensagem do Primeiro Anjo, ela se torna parte de Babilônia. A Mensagem do Segundo Anjo é um chamado para sair de Babilônia. Ela é progressiva.

A irmã White nos diz que, embora os protestantes tenham começado a fechar suas portas em junho de 1842, o chamado para sair de Babilônia — o conteúdo da mensagem do segundo anjo — na realidade não teve início até o verão de 1844.

A mensagem do segundo anjo chega em junho de 1842 e é fortalecida pela mensagem do Clamor da Meia-Noite, de 12 a 17 de agosto de 1844, na Reunião Campal de Exeter.

O Terceiro Anjo chega em 22 de outubro de 1844, porque nesse dia se abre o caminho para o Lugar Santíssimo, onde os homens podem compreender que Cristo é agora o Sumo Sacerdote no Lugar Santíssimo. Ali, a arca da aliança é reconhecida, e na arca estão os Dez Mandamentos. Quando a Irmã White foi levada ao Lugar Santíssimo e olhou para os Dez Mandamentos, viu que o mandamento do sábado resplandecia acima dos outros, assinalando a importância do sábado na Mensagem do Terceiro Anjo. Será uma prova entre sábado ou domingo. Em 22 de outubro de 1844, chega o conteúdo da Mensagem do Terceiro Anjo.

Uma característica comum às três mensagens é que, quando a mensagem do Primeiro Anjo chegou, em 1798, ninguém a compreendia. O Senhor levantou William Miller para ser o mensageiro do Primeiro Anjo, mas somente em 1818 — vinte anos depois — Miller começou a compreender a mensagem. A mensagem chega, mas leva tempo até que o povo de Deus a reconheça, e então ela é revestida de poder.

A Mensagem do Segundo Anjo chega em junho de 1842, mas nenhum milerita, em 1842, começou a chamar as igrejas protestantes de Babilônia. Eles ainda não o reconheciam. Foi somente no verão de 1844 que começaram a reconhecê-lo e a chamar o povo para fora das igrejas. A mensagem chega, depois é compreendida, e então é fortalecida.

Em 22 de outubro de 1844, quando Hiram Edson teve sua visão de Cristo passando do Lugar Santo para o Santíssimo, eles receberam alguma luz acerca da mudança do ministério de Cristo. Mas, em 23 de outubro de 1844, Hiram Edson não estava preparado para escrever um artigo nem pregar um sermão sobre o domingo ser a marca da besta. Eles não compreenderam a Mensagem do Terceiro Anjo senão depois desse período.

A Mensagem do Terceiro Anjo é revestida de poder, como os Adventistas do Sétimo Dia sabem, quando o Quarto Anjo de Apocalipse 18 se une a ela. Para aqueles que estiverem assistindo a isto por LiveStreaming ou posteriormente em DVDs, pode ser que queiram argumentar acerca do momento em que o Quarto Anjo se uniu ao Terceiro em 11 de setembro de 2001. Neste ponto, não estamos apresentando quaisquer argumentos a respeito disso, mas tampouco o estamos negando: o Quarto Anjo une-se ao Terceiro Anjo com a queda das Torres Gêmeas, e é aqui que a Mensagem do Terceiro Anjo é revestida de poder.

As mensagens de todos os três anjos apresentam estas características: chegam, são compreendidas e, então, são revestidas de poder.

As Duas Fechaduras da Porta e as Purificações do Templo

Em junho de 1842, uma porta começou a fechar-se, assinalada pelo fato de as igrejas protestantes fecharem suas portas contra a mensagem do Primeiro Anjo. No início dessa história, vemos uma porta a fechar-se, e no fim dessa história — a história do Segundo Anjo — a porta se fecha novamente: a porta para o Lugar Santíssimo, a porta na parábola das Dez Virgens.

Estes dois fechamentos de porta são importantes de assinalar, especialmente se você pretende tratar das duas purificações do templo. Cristo purificou o templo duas vezes quando esteve na Terra, e a Irmã White nos diz que haverá duas purificações do templo no fim do mundo, assim como houve no tempo dos mileritas. As purificações do templo no tempo milerita podem ser assinaladas no fechamento da porta em junho de 1842 — a primeira porta do templo, o protestantismo — e na segunda purificação do templo, quando a purificação do templo dos mileritas se conclui.

Vamos examinar o tempo de demora. Nessa história do Segundo Anjo, o tempo de demora começa em 22 de março de 1844 e é delimitado por duas purificações do templo. Essa é a Mensagem do Segundo Anjo.

Esta é também a história de Gideão. Houve duas purificações na história de Gideão, a qual é um dos símbolos das duas purificações do templo e da Mensagem do Segundo Anjo.

O Tempo de Demora e o Clamor da Meia-Noite na Profecia

Começamos o nosso estudo com uma citação de *Spiritual Gifts*, volume 1, páginas 195–196. Estamos examinando o tempo de demora para compreender sua relação com o Clamor da Meia-Noite, porque não queremos rejeitar a luz do Clamor da Meia-Noite; se o fizermos, cairemos do caminho para o mundo ímpio abaixo.

Foram enviados anjos para auxiliar o anjo poderoso que descia do céu, e ouvi vozes que pareciam soar por toda parte: “Sai dela, povo meu, para que não sejais participantes dos seus pecados e para que não recebais das suas pragas; porque os seus pecados se acumularam até ao céu, e Deus Se lembrou das suas iniquidades. Esta mensagem pareceu ser um acréscimo à terceira mensagem”, — Agora, ela acaba de citar Apocalipse 18:4, “Sai dela, povo meu, . . .” E ela diz: “Esta mensagem pareceu ser um acréscimo à terceira mensagem [angélica] e uniu-se a ela, assim como o clamor da meia-noite se uniu à mensagem do segundo anjo em 1844.”

A Mensagem do Segundo Anjo chega em junho de 1842, e o Clamor da Meia-Noite se une a ela em agosto de 1844. Esse derramamento do Espírito sobre essa mensagem — o chamado para sair de Babilônia — é a história que a irmã White utiliza para descrever a história de 11 de setembro de 2001, quando a Mensagem do Terceiro Anjo é unida ao Quarto Anjo. O Quarto Anjo é o momento em que o Anjo Poderoso de Apocalipse 18 desce.

“Esta mensagem pareceu ser um acréscimo à terceira mensagem e uniu-se a ela, assim como o clamor da meia-noite se uniu à mensagem do segundo anjo em 1844. A glória de Deus repousou sobre os santos pacientes, que esperavam” — Sobre quem repousou a glória de Deus? Sobre os pacientes — o quê? Que esperavam. Os santos pacientes, que esperavam. Certo? Os santos que esperavam; porque estamos agora na história em que a profecia diz: “Bem-aventurado é aquele que espera e chega aos 1335. Ainda que a visão demore, espera por ela.” As pessoas que hão de receber o derramamento do Espírito Santo são os santos que esperam.

“A glória de Deus repousava sobre os santos pacientes e expectantes, e eles davam destemidamente a última advertência solene, proclamando a queda de Babilônia e conclamando o povo de Deus a sair dela, para que pudesse escapar de sua terrível condenação.” — É claro que isto se aplica aos nossos dias; porém, os santos expectantes em nossos dias são prefigurados pelos santos expectantes na História Milerita que estamos examinando.

A luz que foi derramada sobre os que aguardavam penetrou por toda parte, e todos os que tinham alguma luz nas igrejas, que não haviam ouvido e rejeitado as três mensagens, atenderam ao chamado e deixaram as igrejas caídas.” — Isto é: “Sai dela, povo meu!” Isto está falando daqueles que saem das igrejas de Babilônia em nossos dias, uma vez que a Lei Dominical chegue aos Estados Unidos. Elas são as igrejas caídas, as igrejas de Babilônia.

“Muitos haviam chegado à idade da responsabilidade desde que estas mensagens haviam sido dadas, e a luz resplandeceu sobre eles, e tiveram o privilégio de escolher a vida ou a morte.” — Agora ela está dizendo que há pessoas nas igrejas protestantes hoje que chegaram à idade da responsabilidade desde 22 de outubro de 1844; e isso é assim. As pessoas nas igrejas protestantes hoje não estavam vivas quando a Mensagem do Terceiro Anjo chegou na História Milerita. Elas não são tidas por responsáveis pela rejeição que as igrejas protestantes praticaram em seu período de tempo, e este é um ponto-chave a ser observado se você algum dia estudar como a história de Cristo ilustra o fim do mundo; porque, tecnicamente, profeticamente, Jerusalém poderia ter sido, deveria ter sido destruída em 34 d.C.

Houve 490 anos de tempo probatório cortados para os judeus, tirados dos 2300 anos assinalados em Daniel 8 e Daniel 9. Esses 490 anos terminaram em 34 d.C., com o apedrejamento de Estêvão. Nesse ponto, Jerusalém, profeticamente, deveria ser destruída, mas não foi destruída até o ano 70. Em O Grande Conflito, a Irmã White diz a mesma coisa acerca dessa história. Ela diz que havia crianças e outros que não haviam ouvido a mensagem de Cristo e dos discípulos antes de 34, e Deus, em Sua misericórdia, concedeu-lhes tempo para serem confrontados com a mensagem antes da destruição de Jerusalém. Ela identifica, assim como Cristo, a destruição de Jerusalém como uma ilustração do fim do mundo.

Essa história prefigura a própria história de que ela está falando. Quando a Lei Dominical vier aos Estados Unidos e a mensagem finalmente for às igrejas caídas, os filhos de Deus agora em Babilônia não serão tidos por responsáveis pela rejeição que suas igrejas ou seus antepassados fizeram no século XIX.

“Muitos haviam chegado à idade da responsabilidade desde que essas mensagens tinham sido dadas, e a luz resplandeceu sobre eles, e foi-lhes concedido o privilégio de escolher a vida ou a morte. Alguns escolheram a vida e tomaram posição com os que aguardavam o seu Senhor e guardavam todos os seus mandamentos. A terceira mensagem devia realizar a sua obra; todos deviam ser provados por ela, e os preciosos deviam ser chamados para fora dos corpos religiosos. Um poder impelente move os sinceros, ao passo que a manifestação do poder de Deus mantém em temor e restrição parentes e amigos, e eles não ousam, nem têm poder para, impedir os que sentem sobre si a obra do Espírito de Deus. O último chamado chega até mesmo aos pobres escravos, e os piedosos entre eles, com expressões humildes, entoam seus cânticos de desmedida alegria ante a perspectiva de seu feliz livramento, e seus senhores não os podem conter; pois o temor e o assombro os conservam em silêncio. Operam-se poderosos milagres, os enfermos são curados, e sinais e prodígios acompanham os crentes. Deus está na obra, e cada santo, sem temer as consequências, segue as convicções de sua própria consciência e se une aos que guardam todos os mandamentos de Deus; e eles fazem ressoar amplamente a terceira mensagem com poder. Vi que a terceira mensagem se encerraria com poder e força muito superiores ao clamor da meia-noite.”

Nesses dois parágrafos, esta é a segunda vez que ela compara a nossa história na Lei Dominical no fim do mundo com a história do Clamor da Meia-Noite. Na primeira vez, ela diz que o Poderoso Anjo de Apocalipse 18 se une ao Terceiro Anjo, assim como o Clamor da Meia-Noite se uniu ao Segundo Anjo. Embora esteja tratando da história da crise da Lei Dominical, ela está claramente usando a história do Segundo Anjo como ponto de referência. São histórias paralelas.

“Servos de Deus, revestidos de poder do alto, com o rosto iluminado e resplandecente de santa consagração, saíram a cumprir sua obra e a proclamar a mensagem do céu. Almas que estavam dispersas por todos os corpos religiosos responderam ao chamado, e os preciosos foram retirados apressadamente das igrejas condenadas, assim como Ló foi apressadamente tirado de Sodoma antes de sua destruição.”

Quando se trata do chamado para sair de Babilônia, quer no fim do mundo, quer na Mensagem do Segundo Anjo, Ló é um símbolo dessa história e da destruição de Sodoma.

Se você entende corretamente Daniel 11, no versículo 41 o Rei do Norte entra na terra gloriosa e muitos são derribados, mas “estes escaparão da sua mão: Edom, e Moabe, e as primícias dos filhos de Amom”. Moabe e Amom são os filhos das duas filhas de Ló. A família de Ló representa aqueles que escapam da mão do papado na crise da Lei Dominical.

A irmã White utiliza esse simbolismo. As igrejas caídas são representadas por Ló, e os preciosos foram apressadamente tirados das igrejas condenadas, assim como Ló foi apressadamente tirado de Sodoma antes de sua destruição. O povo de Deus foi preparado e fortalecido pela excelente glória que sobre eles desceu em rica abundância, preparando-os para suportar a hora da tentação. Uma multidão de vozes era ouvida por toda parte, dizendo: “Aqui está a paciência dos santos; aqui estão os que guardam os mandamentos de Deus e a fé de Jesus.”

Enquanto ela está falando acerca do chamado para sair de Babilônia no fim do mundo, ela usa a história da Mensagem do Segundo Anjo no período millerita para descrever esse chamado. A Mensagem do Segundo Anjo é um chamado para sair de Babilônia, e essa história tipifica a história da crise da Lei Dominical.

Uma das referências bíblicas que Ellen White utiliza para descrever essa história é o relato de Sodoma e Gomorra. Leremos Gênesis 19:1-11, que faz parte da história de Ló.

E vieram os dois anjos a Sodoma ao anoitecer; e Ló estava assentado à porta de Sodoma; e, vendo-os Ló, levantou-se para os receber; e inclinou-se com o rosto em terra; e disse: Eis agora, meus senhores, entrai, peço-vos, na casa de vosso servo, e ficai ali esta noite, e lavei os vossos pés, e levantando-vos de madrugada, seguireis o vosso caminho. E eles disseram: Não; antes passaremos a noite na rua. Porém ele insistiu muito com eles; e eles entraram com ele, e vieram à sua casa; e fez-lhes um banquete, e cozeu pães ázimos, e comeram. Mas antes que se deitassem, cercaram a casa os homens daquela cidade, os homens de Sodoma, tanto moços como velhos, todo o povo de todos os lados; e chamaram a Ló, e disseram-lhe: Onde estão os homens que esta noite vieram a ti? Traze-os fora a nós, para que os conheçamos. Então Ló saiu a eles à porta, e fechou a porta após si, e disse: Rogo-vos, meus irmãos, que não façais tamanha maldade. Eis agora, tenho duas filhas que ainda não conheceram homem; trazei-mas fora, peço-vos, e fazei delas como for bom aos vossos olhos; somente a estes homens nada façais, porquanto vieram para debaixo da sombra do meu teto. Eles, porém, disseram: Retira-te daí. Disseram mais: Esse indivíduo entrou aqui para peregrinar, e quer-se fazer juiz? Agora te faremos mais mal a ti do que a eles. E apertaram muito o homem, a saber, Ló, e chegaram-se para arrombar a porta. Aqueles homens, porém, estenderam a mão, fizeram entrar Ló para dentro da casa junto deles, e fecharam a porta. E feriram de cegueira os homens que estavam à porta da casa, desde o menor até ao maior, de maneira que se cansavam para achar a porta.

Prova Progressiva e o Tempo de Demora

A irmã White fala de um processo progressivo de prova no tempo de Cristo e no tempo dos mileritas, ilustrando para nós um processo progressivo de prova. Em Primeiros Escritos, página 259, ela diz:

“Aqueles que não quisessem receber a mensagem de João Batista não poderiam ser beneficiados pelos ensinamentos de Jesus, nem poderiam ser beneficiados pela ministração de Cristo no Santuário celestial.” Ela então diz: “Aqueles que não receberam a mensagem do Primeiro Anjo não poderiam ser beneficiados pela mensagem do Segundo Anjo, nem poderiam ser beneficiados pelo Clamor da Meia-Noite.”

Naquela passagem de Primeiros Escritos, 259, quando a porta se fecha no tempo de Cristo, os judeus se encontram em perfeita escuridão, cegueira.

A história milerita do Segundo Anjo é a história de Ló. Os dois anjos chegam à cidade (junho de 1842), a Mensagem do Segundo Anjo chega, e Ló os faz demorar-se por uma noite (o Tempo de Tardança). Há um juízo, e então uma porta se fecha (22 de outubro de 1844).

Examinaremos outra história bíblica em que um tempo de demora se alinha com a História Millerita, antes de reunir tudo isto.

Moisés, o Santuário e o Tempo de Espera

A história seguinte é a de Moisés recebendo instruções sobre a construção do santuário e a Lei.

No sétimo dia, que era o sábado, Moisés foi chamado para subir à nuvem. A espessa nuvem abriu-se à vista de todo o Israel, e a glória do Senhor irrompeu como um fogo consumidor. “E Moisés entrou no meio da nuvem, e subiu ao monte; e Moisés esteve no monte quarenta dias e quarenta noites.” Patriarcas e Profetas, 313, 314.

Os quarenta dias de permanência no monte não incluíram os seis dias de preparação.

Durante esta história, Moisés passou 46 dias recebendo instruções sobre a construção do templo, em paralelo com os 46 anos de 1798 a 1844, quando o Senhor levantou o templo milerita, e com os 46 anos da reconstrução do templo por Herodes, mencionados em João 2:20, bem como com os 46 cromossomos do templo humano. Durante os seis dias, Josué esteve com Moisés, e juntos comeram maná e beberam do ribeiro que descia do monte. Josué não entrou na nuvem com Moisés, mas permaneceu do lado de fora, comendo e bebendo diariamente enquanto aguardava o retorno de Moisés, ao passo que Moisés jejuou durante os quarenta dias.

Durante sua permanência no monte, Moisés recebeu instruções para a construção de um santuário no qual a presença divina se manifestaria de modo especial. “E Me farão um santuário, para que Eu habite no meio deles” (Êxodo 25:8), foi a ordem de Deus.

É aqui que encontramos o número 46 associado à construção do santuário.

Leremos em Êxodo e observaremos um tempo de tardança nesta história, pois ele prefigura o tempo de tardança nos dias de Cristo, dos mileritas e no fim do mundo. O tempo de tardança produz o ambiente que permite que o Clamor da Meia-Noite seja proclamado e produza duas classes de adoradores. Sem o tempo de tardança, as dinâmicas dessa história não estariam estabelecidas para aquilo que o Senhor deseja realizar no Clamor da Meia-Noite. Precisamos ver o que o tempo de tardança representa.

E disse a Moisés: Sobe ao Senhor, tu, e Arão, Nadabe, e Abiú, e setenta dos anciãos de Israel; e adorai de longe. . . . E Moisés tomou metade do sangue, e o pôs em bacias; e a outra metade do sangue aspergiu sobre o altar. E tomou o livro do concerto, e o leu aos ouvidos do povo; e eles disseram: Tudo o que o Senhor tem dito faremos, e obedeceremos. Então Moisés tomou o sangue, e o aspergiu sobre o povo, e disse: Eis o sangue do concerto que o Senhor fez convosco acerca de todas estas palavras. Êxodo 24:1, 6-8.

Este período de 46 dias, este Tempo de Espera, é quando o Senhor está entrando em aliança com um povo.

O Senhor entrou em concerto com os mileritas nesta história? Sim.

Ele entrou em aliança com a igreja cristã no Pentecostes, no tempo de Cristo? Sim.

Assim, esse tempo de demora é um dos marcos do Senhor ao entrar em concerto com um povo.

E o Senhor disse a Moisés: Sobe a mim ao monte e fica ali; e dar-te-ei tábuas de pedra, e a lei, e os mandamentos que escrevi, para que os ensines. Então Moisés se levantou, e Josué, seu servidor; e Moisés subiu ao monte de Deus. E disse aos anciãos: Esperai-nos aqui, até que tornemos a vós; e eis que Arão e Hur estão convosco; se alguém tiver alguma questão, venha a eles. E, subindo Moisés ao monte, uma nuvem cobriu o monte. E a glória do Senhor repousou sobre o monte Sinai, e a nuvem o cobriu por seis dias; e, ao sétimo dia, chamou a Moisés do meio da nuvem. E o aspecto da glória do Senhor era como um fogo consumidor no cume do monte, aos olhos dos filhos de Israel. E Moisés entrou no meio da nuvem e subiu ao monte; e Moisés esteve no monte quarenta dias e quarenta noites. Êxodo 24:12-18.

Na história de Moisés, vemos um tempo de demora. Durante esse tempo, as duas tábuas simbolizam a aliança, e o Senhor está entrando em aliança e dando a Moisés instruções sobre a construção do templo.

De 1798 a 1844, durante esses 46 anos, o Senhor estava erguendo o templo milerita para que pudesse entrar em aliança com o Israel moderno.

O período sobre o qual acabamos de ler, com Moisés e o tempo de demora dos 70 anciãos, é chamado Pentecostes na história bíblica — cinquenta dias após a Páscoa. O Senhor instruiu Israel a comemorar o Pentecostes para sempre. No Novo Testamento, o Pentecostes é um foco da igreja cristã primitiva, comemorando precisamente essa mesma história. Encontramos os mesmos componentes no Pentecostes no tempo de Cristo, na história dos mileritas, e esses componentes se repetirão no fim do mundo.

Pentecostes e o Tempo de Espera no Novo Testamento

Consideremos o Pentecostes em Lucas 24:44-52, durante a narrativa do caminho para Emaús.

Anteriormente em Lucas, os dois discípulos que caminhavam com Jesus pedem-Lhe que fique com eles. A Bíblia usa a palavra “tarry”. Há ali um tempo de demora assinalado, mas queremos assinalar um tempo de demora diferente nesta mesma história.

E disse-lhes [Jesus]: Estas são as palavras que vos falei, estando ainda convosco: que convinha que se cumprisse tudo o que de mim estava escrito na lei de Moisés, e nos profetas, e nos salmos. Então lhes abriu o entendimento, para que compreendessem as Escrituras. E disse-lhes: Assim está escrito, e assim convinha que o Cristo padecesse, e ao terceiro dia ressuscitasse dentre os mortos; e que em seu nome se pregasse o arrependimento e a remissão dos pecados entre todas as nações, começando por Jerusalém. E vós sois testemunhas destas coisas. E eis que sobre vós envio a promessa de meu Pai; ficai, porém, na cidade de Jerusalém, até que do alto sejais revestidos de poder.

O tempo de demora é assinalado pela ordem de permanecer em Jerusalém até que se receba poder. É aqui que ocorre, para os mileritas, a capacitação da mensagem.

Demorar significa esperar. “Bem-aventurado aquele que espera.” Por quê? O revestimento de poder.

Não se pode compreender corretamente o fortalecimento do Clamor da Meia-Noite a menos que se compreenda o tempo de demora, em que lhes é ordenado esperar por esse poder. Isso faz parte da história. Para que a luz estabelecida atrás de vós continue a brilhar, deveis compreender toda a história.

Talvez você ainda não veja aonde isto conduz, mas amanhã ficará claro.

As Três Profecias e o Tempo de Demora

Três profecias levaram os mileritas a um equívoco que causou o tempo de demora e o primeiro desapontamento. Essas profecias são as mesmas três para as quais William Miller disse que lhe fora dado o ponto de partida: os 1335, os 2520 e os 2300 dias.

Se você compreende que o tempo de tardança é um componente específico do Clamor da Meia-Noite, deve perguntar o que produziu o tempo de tardança. Foram estas três profecias de tempo: os 1335, os 2520 e os 2300.

Se rejeitais a profecia dos 2520 e dos 1335, estais negando o Clamor da Meia-Noite e caís do caminho para o mundo ímpio abaixo.

É para isso que estamos caminhando em tudo isto.

Demoram-se, porque devem esperar pelo poder do alto; e, na História Millerita, esse poder foi o Clamor da Meia-Noite.

Mas permaneci na cidade de Jerusalém, até que do alto sejais revestidos de poder. E levou-os para fora, até Betânia; e, levantando as mãos, os abençoou. E aconteceu que, enquanto os abençoava, apartou-se deles e foi elevado ao céu. E, adorando-o eles, voltaram para Jerusalém com grande júbilo. Lucas 24:44-52.

Betânia é um subúrbio de Jerusalém, a cerca de uma milha e meia fora da cidade. Nos dias de Jesus, isso representava uma distância considerável, visto que as pessoas iam a pé para toda parte.

Betânia significa “Casa dos Pobres”.

O lugar favorito de Jesus era Betânia, onde viviam Lázaro, Maria e Marta.

Convém notar que a Entrada Triunfal é a história que a irmã White utiliza para descrever o Clamor da Meia-Noite.

Antes de Jesus entrar em Jerusalém para a Entrada Triunfal, Ele demorou-Se em Betânia, a Casa dos Pobres. Há um tempo de demora que precede a Entrada Triunfal, assim como há um tempo de demora que precede o Clamor da Meia-Noite. São histórias paralelas, mas ainda estamos tratando de Lucas 24:44-52 e aguardando e demorando-nos em Jerusalém.

Em Primeiros Escritos, página 247, ao falar da história milerita, a irmã White diz:

Os desapontados viram, pelas Escrituras, que se achavam no tempo de tardança e que deviam aguardar pacientemente o cumprimento da visão. A mesma evidência que os levou a esperar pelo seu Senhor em 1843 levou-os a esperá-Lo em 1844.

Ao Clamor da Meia-Noite, os Mileritas tiveram aberto o seu entendimento das Escrituras.

“Os desapontados” do primeiro desapontamento viram, pelas Escrituras, que estavam no tempo de tardança, e a mesma evidência que os levava a predizer 1843 como a volta do Senhor agora provava 1844.

Que lhes fizera o Senhor? Abriu-lhes o entendimento. Esta é uma história paralela à dos discípulos.

O Tempo de Demora de Jacó e o Concerto

Há um tempo de demora na história de Jacó. Esse tempo de demora ilumina muitas verdades proféticas, embora apenas toquemos em algumas delas.

Gênesis 28, a começar no versículo 10, mostra que a história de Jacó prefigura o fim do mundo. Os filhos de Jacó representam os 144.000 no fim do mundo.

Jacó teve filhos de quatro mulheres — duas esposas, Raquel e Lia, e duas concubinas. Ele teve de trabalhar por suas esposas: 2520 dias por Lia e 2520 dias por Raquel. Na história de Jacó, vemos ambos os 2520, representando os Reinos do Norte e do Sul.

Jacó é um símbolo da História Millerita e dos 144.000. Sua história deve proporcionar-nos luz no fim do mundo.

E Jacó saiu de Berseba e foi em direção a Harã. E chegou a certo lugar, e ali passou a noite, porque o sol já se havia posto; e tomou das pedras daquele lugar, pô-las por travesseiros, e deitou-se naquele lugar para dormir. E sonhou: e eis uma escada posta na terra, cujo topo tocava os céus; e eis que os anjos de Deus subiam e desciam por ela. E eis que o Senhor estava sobre ela e disse: Eu sou o Senhor Deus de Abraão, teu pai, e o Deus de Isaque; a terra em que estás deitado, eu a darei a ti e à tua descendência. E a tua descendência será como o pó da terra; e estender-te-ás para o ocidente, e para o oriente, e para o norte, e para o sul; e em ti e na tua descendência serão benditas todas as famílias da terra. E eis que eu estou contigo, e te

guardarei por onde quer que fores, e te farei tornar a esta terra; porque não te deixarei, até que haja cumprido aquilo de que te tenho falado. Gênesis 28:10-15.

O Senhor está entrando em aliança com Jacó. Quando o Senhor entra em aliança com Moisés e Israel, há um tempo de demora; quando Ele entra em aliança com Jacó, há um tempo de demora; quando Ele entra em aliança com o Israel moderno na História Milerita, há um tempo de demora; e quando Ele entra em aliança com a igreja cristã no Pentecostes, há um tempo de demora.

Nessa história, durante o tempo de demora, o Senhor abre o entendimento de Seu povo para a Sua Palavra, simbolizada pela escada com anjos subindo e descendo — símbolo da comunicação entre Deus e o homem.

E Jacó despertou do seu sono e disse: Na verdade, o Senhor está neste lugar; e eu não o sabia. E teve medo, e disse: Quão terrível é este lugar! Este não é outro lugar senão a casa de Deus, e esta é a porta do céu. Gênesis 28:16-17.

Ao Clamor da Meia-Noite, as virgens mileritas estão despertando e tornando-se a Casa de Deus. Ele está entrando em concerto com elas, fazendo delas o Israel moderno.

E Jacó levantou-se de madrugada, e tomou a pedra que havia posto por travesseiro, e a pôs por coluna, e derramou azeite sobre o seu topo. E chamou o nome daquele lugar Betel; porém, anteriormente, o nome daquela cidade era Luz. Gênesis 28:18-19.

“Luz” é transformada. Os mileritas não eram o povo de Deus em 1798. A história dos mileritas é a história de como Ele entra em aliança com eles e os faz Seu povo, transformando-os de “Luz” em “Betel”.

E Jacó fez um voto, dizendo: Se Deus for comigo, e me guardar neste caminho por onde vou, e me der pão para comer e vestes para vestir, de modo que eu torne em paz à casa de meu pai, então o Senhor será o meu Deus; e esta pedra, que tenho posto por coluna, será casa de Deus; e de tudo quanto me deres, certamente te darei o dízimo. Gênesis 28:20-22.

O voto de Jacó é entrar em aliança. Ele pede a Deus que o guarde no caminho — as Veredas Antigas — e que lhe dê pão para comer. Os mileritas devem comer o seu próprio pão e não retornar à insensatez protestante.

Se continuarmos a comer o pão que Deus nos dá, Ele manterá o Seu concerto conosco. O pão e a vestimenta no voto de Jacó simbolizam as verdades no Gráfico de 1843, que Ellen White chama a Rocha dos Séculos — as Veredas Antigas e o pão.

“A escada que Jacó viu na visão noturna, tendo a sua base apoiada sobre a terra e o seu degrau mais alto alcançando os mais altos céus; o próprio Deus acima da escada, e a Sua glória resplandecendo sobre cada degrau; anjos subindo e descendo por esta escada de fulgente brilho, é um símbolo da constante comunicação mantida entre este mundo e as regiões celestiais. Deus realiza a Sua vontade por meio da instrumentalidade dos anjos celestiais em contínuo intercâmbio com a humanidade. Esta escada revela um meio direto e importante de comunicação com os habitantes desta terra. A escada representava para Jacó o Redentor do

mundo, que liga a terra e o céu. Todo aquele que tem visto a evidência e a luz da verdade e aceita a verdade, professando a sua fé em Jesus Cristo, é um missionário no mais alto sentido da palavra. Ele é o recebedor dos tesouros celestiais, e é seu dever comunicá-los, difundir aquilo que recebeu.” *Fundamentals of Christian Education*, 270.

Quando Ele lhes abre o entendimento no tempo de espera, fá-lo enviando anjos para cima e para baixo pela escada.

Se recebestes a verdade, tendes a responsabilidade de partilhá-la. Se cumprirdes a vossa responsabilidade, vos tornareis a escada — o canal de comunicação. Somos chamados a ser esse canal.

“A escada representava Cristo; ele é o canal de comunicação entre o céu e a terra, e os anjos vão e vêm em contínuo intercâmbio com a raça caída. As palavras de Cristo a Natanael estavam em harmonia com a figura da escada, quando disse: ‘Em verdade, em verdade vos digo que, doravante, vereis o céu aberto, e os anjos de Deus subindo e descendo sobre o Filho do homem.’ Aqui o Redentor identifica-se como a escada mística, que torna possível a comunicação entre o céu e a terra.” *Review and Herald*, 11 de novembro de 1890.

Jacó tem um tempo de demora; ele demora e sonha com a escada, a qual representa o Senhor abrindo o entendimento de Sua Palavra ao Seu povo durante o tempo de demora. Nesta história, o Senhor está entrando em aliança com o Seu povo, tirando-os de Luz e fazendo deles Betel — a Casa de Deus.

O canal de comunicação representado pelos anjos que subiam e desciam pela escada, a qual é Cristo, também é representado em Zacarias. A irmã White comenta isso na *Review and Herald*, 20 de julho de 1897, embora use um símbolo diferente.

“Os ungidos que estão junto ao Senhor de toda a terra ocupam a posição outrora dada a Satanás como querubim da guarda. Pelos seres santos que rodeiam o seu trono.”

Quem são os “seres santos”? Anjos. “Pelos seres santos que rodeiam o seu trono, o Senhor mantém uma comunicação constante com os habitantes da Terra.” Essa é a escada. Apenas que, aqui, a irmã White não vai usar a escada como símbolo.

“O azeite dourado representa a graça com a qual Deus mantém abastecidas as lâmpadas dos crentes, para que não tremulem e se apaguem. Não fora esse santo azeite derramado do céu nas mensagens do Espírito de Deus, os agentes do mal teriam inteiro domínio sobre os homens.

“Deus é desonrado quando não recebemos as comunicações que Ele nos envia. Assim, recusamos o óleo dourado que Ele derramaria em nossa alma para ser comunicado aos que estão em trevas. Quando vier o chamado: ‘Eis que o esposo vem; saí ao seu encontro’, aqueles que não receberam o óleo santo, que não acalentaram em seu coração a graça de Cristo, descobrirão, como as virgens insensatas, que não estão preparados para encontrar-se com seu Senhor. Não têm, em si mesmos, poder para obter o óleo, e sua vida fica arruinada. Mas, se o Santo Espírito de Deus for pedido, se suplicarmos, como fez Moisés: ‘Rogo-te que me mostres a tua glória’, o amor de Deus será derramado em nosso coração. Por meio dos tubos de ouro, o

óleo dourado nos será comunicado. ‘Não por força, nem por poder, mas pelo meu Espírito, diz o Senhor dos Exércitos.’ Ao receberem os brilhantes raios do Sol da Justiça, os filhos de Deus resplandecem como luzes no mundo.” Review and Herald, 20 de julho de 1897.

Na história de Jacó, temos a história do Movimento Millerita. Há um tempo de demora, e ele vê a escada representando a comunicação entre o Céu e a Terra.

Zacarias fala-nos de dois tubos de ouro. Uma escada tem dois montantes principais, mas Zacarias chama-lhes dois tubos de ouro.

Devemos receber as mensagens que descem pela escada do Céu e comunicá-las a outros. Se o fizermos, tornamo-nos parte da escada, parte do processo de comunicação.

A Irmã White relaciona isto com a parábola das Dez Virgens.

Na História Millerita, eles estavam cumprindo a parábola das Dez Virgens. O tempo de demora de Jacó é o tempo de demora de Mateus 25 e Habacuque 2: “Ainda que a visão tarde, espera-o.”

A história de Jacó e a de Zacarias são os mesmos tempos de demora.

O tempo de demora assinala, entre outras coisas, que o Senhor está prestes a aumentar a compreensão de Seus seguidores acerca da Palavra de Deus. Se você não receber esse Santo Óleo, é uma virgem insensata.

Quando você chegar a esta história, quando a porta se fechar e você for uma virgem insensata, a Irmã White diz: “As palavras mais tristes que já se ouviram: ‘Não vos conheço.’”

Não se pode separar o tempo de demora do Clamor da Meia-Noite. O tempo de demora produz o derramamento do Espírito Santo, o qual abre o entendimento do povo de Deus para a Palavra no Clamor da Meia-Noite e fornece o azeite que distingue as virgens prudentes das insensatas.

O Tempo de Tardança e o Milagre Supremo de Cristo

Há um tempo de demora no qual Cristo realizou Seu ato culminante — ressuscitar Lázaro.

Jesus recebeu a mensagem: "Lázaro está doente. Vem, cuida dele." Mas Jesus não foi imediatamente.

A irmã White diz que os discípulos tropeçaram nisso. Perguntavam-se por que Ele não ia ajudar Seu amigo, nem demonstrar Seu poder como o Messias. Mas Ele demorou.

“Ao demorar-Se em ir ter com Lázaro, Cristo tinha um propósito de misericórdia para com os que não O haviam recebido. Ele Se demorou, para que, ao ressuscitar Lázaro dentre os mortos, pudesse dar ao Seu povo obstinado e incrédulo mais uma evidência de que Ele era, de fato, ‘a ressurreição e a vida’. Custava-Lhe renunciar a toda esperança pelo povo, as pobres ovelhas desgarradas da casa de Israel. Seu coração se partia por causa de sua impenitência. Em Sua misericórdia, propôs-Se dar-lhes ainda mais uma evidência de que Ele era o Restaurador, Aquele que unicamente podia trazer à luz a vida e a imortalidade. Isto devia ser uma evidência que os sacerdotes não pudessem interpretar mal. Esta foi a razão de Sua demora em ir a

Betânia.” O Desejado de Todas as Nações, 529.

Ele demorou-se a fim de lhes dar mais uma evidência de que tinha o poder de trazer os mortos à vida.

Esse milagre culminante, a ressurreição de Lázaro, pôs o selo de Deus sobre a Sua obra e a Sua reivindicação de divindade.

Ao Clamor da Meia-Noite, o Senhor está levantando as virgens prudentes. Isto é uma ilustração do processo de selamento. Os mileritas estavam sendo selados, oferecendo uma ilustração do selamento dos 144.000.

A lição de Lázaro é que Cristo pode tomar alguém morto em delitos e pecados e trazê-lo à vida.

Na passagem de Lázaro, Cristo define a morte como sono.

Todos eles estão dormindo. Ele está demorando. Ele ressuscitará Lázaro, trazendo-os à vida e pondo sobre eles o Seu selo. Este é o Seu milagre supremo.

Em nossa história, quando Ele sela os 144.000, Ele os ergue como um estandarte.

Zacarias diz que esse estandarte é como joias numa coroa. Este é o Seu ato culminante.

Com o derramamento e o desvendamento da verdade na história milerita, o tempo de tardança assinala o momento em que o Senhor revela a verdade. A escada, com anjos subindo e descendo, é o lugar onde ocorre o processo de selamento.

A Entrada Triunfal e o Clamor da Meia-Noite

Agora consideramos a Entrada Triunfal. Observe a que a Irmã White compara a Entrada Triunfal em O Espírito de Profecia, volume 4, página 250.

O clamor da meia-noite não era levado tanto por meio de argumentos, embora a prova das Escrituras fosse clara e conclusiva. Com ele ia um poder impelente que movia a alma. Não havia dúvida nem questionamento. Por ocasião da entrada triunfal de Cristo em Jerusalém, o povo que se reunira de todas as partes da terra para celebrar a festa afluía ao Monte das Oliveiras e, ao unir-se à multidão que escoltava Jesus, era tomado pela inspiração daquela hora e ajudava a aumentar o brado: “Bendito o que vem em nome do Senhor!” [Mateus 21:9.] De igual maneira, os incrédulos que acorriam às reuniões adventistas — alguns por curiosidade, outros meramente para zombar — sentiam o poder convincente que acompanhava a mensagem: “Eis que o Noivo vem!”

A Entrada Triunfal representa o Clamor da Meia-Noite.

Leiamos o que a Irmã White diz acerca da Entrada Triunfal em The Youth’s Instructor, 21 de fevereiro de 1901.

O tempo da entrada de Cristo em Jerusalém era a estação mais formosa do ano. O monte das Oliveiras estava revestido de verdura, e os bosques eram belos com variada folhagem. Das

regiões ao redor de Jerusalém, muitos haviam vindo à festa com um sincero desejo de ver Jesus.

Por quê? Porque ouviram falar de Lázaro.

O milagre culminante do Salvador, ao ressuscitar Lázaro dentre os mortos, produziu maravilhoso efeito sobre o povo, e uma grande e entusiástica multidão foi atraída ao lugar onde Jesus Se achava.

Assim, Ele está demorando em Betânia antes da Entrada Triunfal.

Isto se refere ao Tempo de Espera.

A tarde ia já pela metade quando Jesus enviou seus discípulos à aldeia de Betfagé, dizendo: “Ide à aldeia que está defronte de vós, e logo encontrareis uma jumenta presa, e um jumentinho com ela; soltai-os e trazei-mos. E, se alguém vos disser alguma coisa, direis: O Senhor precisa deles; e imediatamente os enviará.”

Esta foi a primeira vez, durante o Seu ministério, em que Cristo consentiu em cavalgar; e os discípulos interpretaram isso como um sinal de que Ele estava prestes a afirmar Seu poder e autoridade reais e a tomar Sua posição no trono de Davi. Com alegria, executaram a incumbência. Encontraram o jumentinho, soltaram-no e o trouxeram a Jesus, que se assentou sobre ele. Quando Jesus tomou Seu lugar sobre o animal, o ar encheu-se de aclamações de louvor e triunfo. Ele não trazia nenhum sinal exterior de realeza, não vestia trajes de Estado, nem era seguido por soldados. Mas estava rodeado por uma multidão exaltada pela expectativa. Havia acabado de ressuscitar um morto. O povo pensava que Ele vinha para ser o Salvador de Israel. Quem eram essas pessoas?

“Muitos se lisonjeiam de que a hora da emancipação de Israel está próxima. Em imaginação, veem o exército romano disperso e expulso de Jerusalém, e a nação judaica mais uma vez livre do jugo do opressor. De boca em boca passa a pergunta: ‘Restaurará ele neste tempo novamente o reino a Israel?’ Muitos na multidão recordam a palavra do profeta: ‘Alegra-te muito, ó filha de Sião; exulta, ó filha de Jerusalém: eis que o teu Rei vem a ti: ele é justo e traz a salvação; humilde, e montado sobre um jumento.’ Cada qual se esforça por exceder o outro em corresponder ao passado profético. O brado ecoa de monte em vale: ‘Hosana ao Filho de Davi:’—o Clamor da Meia-Noite—‘Bendito o que vem em nome do Senhor; hosana nas alturas.’”

Nenhum lamento ou pranto se ouviu naquele cortejo. Aqueles que outrora haviam sido cegos, mas cujos olhos tinham sido curados pelo Filho de Deus, iam à frente.

Quem toma a dianteira? Aqueles que costumavam ser laodiceanos.

Eles se achegaram a Jesus, enquanto alguém a quem Ele ressuscitara dentre os mortos conduzia o animal em que Ele cavalgava. Aqueles que outrora foram surdos e mudos, agora curados, contribuíam para avolumar os alegres hosanas. Aleijados, agora andando, quebravam ramos de palmeira e os espalhavam em Seu caminho.

O leproso, outrora excluído da sociedade, ali estava, purificado pelo poder do Salvador. Estendeu a sua veste no caminho do Salvador, exclamando: “Ó dai graças ao Senhor, porque ele é bom; porque a sua misericórdia dura para sempre.”

O endemoninhado curado estava ali, agora em seu perfeito juízo, acrescentando seu testemunho: “O Senhor fez grandes coisas por mim, de que me alegro.”

Os mortos restaurados ali estavam, louvando-O. A viúva e o órfão falavam de Suas maravilhosas obras. Crianças pequeninas, os que foram curados de enfermidades e os que foram trazidos de volta da sepultura, cobriam o caminho do Redentor com ramos de palmeira e flores.

Assim, Jesus demora na Casa dos Pobres, referindo-Se ao Tempo de Demora.

Por quê? Porque Ele está prestes a derramar o Seu Espírito Santo e a abrir o seu entendimento, referindo-Se ao Clamor da Meia-Noite.

Nesta história, Ele vem como Rei, referindo-Se a 22 de outubro de 1844. Jesus vem para receber um reino em 22 de outubro de 1844? Sim.

Esta é a Entrada Triunfal, e há aqueles que erguerão o Clamor da Meia-Noite.

Quem são estas pessoas? São aquelas transformadas pelo poder de Cristo.

A mensagem da justiça de Cristo, de Seu poder para transformar-nos de cegos em videntes, de mortos em vivos, de leprosos em puros, está contida na história da Entrada Triunfal, prefigurando o Clamor da Meia-Noite. O que leva essa mensagem?

Sobre o que está Cristo montado? Sobre um jumento. É a Mensagem do Islã que transporta a mensagem da justiça de Cristo.

Em 1840, a capacitação da mensagem do primeiro anjo estava ligada à restrição do islamismo. A primeira mensagem conduz à segunda mensagem; elas não podem ser separadas.

A Primeira Mensagem carrega a Segunda Mensagem.

A Primeira Mensagem foi confirmada quando o Islã foi refreado, em cumprimento da profecia. Essa confirmação fortaleceu a Mensagem do Primeiro Anjo e levou os protestantes a fecharem suas portas contra ela.

O fechamento das portas pelas igrejas protestantes foi a rejeição da Mensagem do Islã.

A história milerita prefigura a nossa história.

A mensagem da justiça de Cristo no tempo do selamento dos 144.000, quando o Senhor derrama o Seu Espírito Santo e abre as Escrituras aos laodiceanos e leprosos do Adventismo, é novamente levada pelo jumento — a Mensagem do Islã.

No verão e no outono de 1844 foi feita a proclamação: “Eis que o Noivo vem”. As duas classes representadas pelas virgens prudentes e loucas então se evidenciaram — uma classe que

aguardava com alegria o aparecimento do Senhor e que se estivera preparando diligentemente para O encontrar; outra classe que, influenciada pelo medo e agindo por impulso, se satisfizera com uma teoria da verdade, mas estava destituída da graça de Deus. Na parábola, quando o noivo chegou, “as que estavam preparadas entraram com ele para as bodas”. A vinda do noivo, aqui apresentada, ocorre antes das bodas. As bodas representam a recepção, por Cristo, de Seu reino. . . . O Grande Conflito, 427

A Entrada Triunfal é a vinda do Rei. Em 22 de outubro de 1844, Ele recebe o Reino. Esta é a Entrada Triunfal.

É nesse período de tempo que as duas classes estão sendo seladas em seu destino.

A proclamação: “Eis o Noivo, saí ao seu encontro”, no verão de 1844, levou milhares a esperar o advento imediato do Senhor. No tempo designado, o Noivo veio, não à terra, como o povo esperava, mas ao Ancião de Dias, no Céu, para as bodas, a recepção de Seu reino. “As que estavam preparadas entraram com Ele para as bodas; e a porta foi” — o quê? — “fechada”. Elas não deviam estar presentes pessoalmente nas bodas; pois estas têm lugar no Céu, enquanto elas estão sobre a terra. Os seguidores de Cristo devem “esperar por seu Senhor, quando houver de voltar das bodas”. Lucas 12:36. Mas devem compreender Sua obra e segui-Lo pela fé, ao entrar Ele perante Deus. É nesse sentido que se diz que elas entram para as bodas. O Grande Conflito, 427.

Referências Bíblicas ao Tempo de Espera

Algumas passagens das Escrituras destacam o tempo de demora. Nós as examinaremos rapidamente e concluiremos com uma declaração da Irmã White.

Enquanto o noivo tardava, todas tosquenejaram e adormeceram. Mateus 25:5.

Exatamente aqui, 22 de março de 1844, referindo-se ao Tempo de Demora.

22 de março de 1844 não é uma predição da profecia bíblica. É a data que os mileritas compreenderam erroneamente, mas que produziu o primeiro desapontamento e assinalou o tempo de tardança.

As Escrituras não afirmam que Deus produza o tempo de demora. É o equívoco do povo que o produz: “Ainda que a visão pareça tardar, espera-a, porque ela não tardará, não mente.”

Bem-aventurado é aquele que espera e chega aos mil trezentos e trinta e cinco dias. Tu, porém, segue o teu caminho até ao fim; porque descansarás e estarás na tua sorte no fim dos dias. Daniel 12:12-13.

Você pode ler isto de duas maneiras. De qualquer modo:

Bem-aventurado é aquele que espera, e bem-aventurado é aquele que chega aos 1335. Tu, porém, segue o teu caminho até o fim; porque descansarás e estarás na tua sorte no fim dos dias.

A bênção de chegar aos 1335 não diz respeito apenas a alcançar o fim da profecia de tempo. Os 1335 terminam em 1843 no Gráfico. A bênção não é apenas o fim da profecia, mas a experiência

do tempo de tardança. A bênção ocorre entre o Tempo de Tardança e 22 de outubro de 1844. É aqui que deves esperar. “Bem-aventurado é aquele que espera.”

Por isso o Senhor esperará, para ter misericórdia de vós; e, por isso, será exaltado, para se compadecer de vós; porque o Senhor é um Deus de juízo; bem-aventurados todos os que por ele esperam. Isaías 30:18.

A espera é desde o Tempo de Tardança até 22 de outubro de 1844. Se estais esperando por Ele, sereis abençoados.

Porque a visão ainda está para o tempo determinado, mas, no fim, falará e não mentirá; ainda que se demore, espera-o; porque certamente virá, não tardará. Habacuque 2:3.

Foi o equívoco dos mileritas que ocasionou o tempo de demora. A visão é para um tempo determinado — 22 de outubro de 1844. Não falhará, mas vós pensareis que tarda, por causa do equívoco.

O Senhor planejou o mal-entendido? Sim. A irmã White assim o diz.

O Senhor produziu o mal-entendido por meio do Gráfico de 1843. William Miller disse que nunca afirmou conclusivamente 1843, mas, em 1843, os irmãos lhe pediram que removesse o “se” e assinalasse 1843 como um marco. A irmã White diz que este é um marco profético, um cumprimento de Habacuque 2. Este marco, ao assinalar dogmaticamente 1843, produziu o tempo de tardança.

“Bem-aventurados os olhos que viram as coisas que foram vistas em 1843 e 1844. A mensagem foi dada. E não deve haver demora em repetir a mensagem, pois os sinais dos tempos estão-se cumprindo; a obra final deve ser realizada. Uma grande obra será feita em pouco tempo. Em breve será dada, por determinação de Deus, uma mensagem que aumentará até tornar-se um alto clamor. Então Daniel estará em seu lugar, para dar seu testemunho.”
Manuscript Releases, volume 21, 437.

Observe Daniel 12:12-13: “Bem-aventurado aquele que espera e chega até mil trezentos e trinta e cinco dias.” — “Bem-aventurado aquele que chega aos 1335. Bem-aventurado aquele que chega a 1843”, isto é o versículo 12.

Verso 13:

Tu, porém, segue o teu caminho até ao fim; porque descansarás e estarás na tua sorte, no fim dos dias. Daniel 12:12-13.

A irmã White associa os versículos 12 e 13, dizendo que a bênção dos 1335 se cumpre em 1843 e 1844. Não se trata de um momento no tempo, mas daqueles que aguardam a Entrada Triunfal em Jerusalém por Cristo, reconhecem os anjos que sobem e descem pela escada e entram em concerto com o Senhor ao dar-lhes Ele as duas tábuas do concerto.